

EPICURO: A FELICIDADE DA ALMA E O LABOR DA FILOSOFIA — ALGUNS ASPECTOS

EPICURE: HAPPINESS OF THE SOUL AND THE LABOUR OF PHILOSOPHY — SOME ASPECTS

FERNANDO ROCHA SAPATERRO*

Resumo: O artigo trata de alguns aspectos da filosofia de Epicuro sobre a relação da alma e da filosofia. Para isso é explorado o conceito de alma em suas características: corpórea, materialista, afetada pelas sensações, que busca o prazer e a tranquilidade. A partir disto, a filosofia se define como labor para alcançar a felicidade.
Palavras-chave: felicidade; alma; labor.

Abstract: This paper deals with some aspects of Epicurus' Philosophy as regards the relationship between the soul and Philosophy. The concept of soul is studied through its special characteristics: corporeity, materiality, susceptibility to sensations, pursuit of pleasure and ease. Based on this, Philosophy is defined as labor to achieve happiness.

Key-words: Happiness; Soul; Labor.

“... ninguém é velho demais ou jovem demais para a saúde da alma.
Aquele que diz que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou,
é como se dissesse que a hora da felicidade ainda não chegou ou já passou.”
(Epicuro, *Carta a Menecceu* §122)

O conhecimento que temos de Epicuro nos chegou, principalmente, por meio das *Cartas*. No entanto, não podemos reduzi-lo às *Cartas*. É necessário considerar os testemunhos sobre ele. Segundo nos atesta Diógenes Laércio, Epicuro escreveu mais de 300 títulos, dentre os quais a obra mais importante, *Da Natureza* (*peri. physeôs*) em 37 livros¹. De tudo isso, nos restam apenas três cartas, que são geralmente dispostas como segue: a *Carta a Heródoto*, que retrata seu pensamento sobre a Física, a *Carta a Menecceu*, que traduz seu pensamento moral, a *Carta a Pítocles*, cuja autenticidade ainda é contestada, sobre os meteoros e sobre os fenômenos celestes. Diógenes Laércio ainda conservou as *kyriai*

* Fernando Rocha Sapaterro é pesquisador na PUC-SP, Brasil. E-mail: sapaterro@uol.com.br.

¹ Cf. DIOGENES LAERCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* (tradução de Mario da Gama Kury). Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1988, n. X, 28.

doxai, ou as chamadas *Máximas Principais* (ou *Máximas Capitais*) que se encontram em sua *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Mais tarde, no século XIX, foram encontradas na Biblioteca Vaticana outras 81 máximas de Epicuro, sendo que algumas já estavam contidas nas *Máximas Principais*. Por fim, as investidas na Biblioteca de *Herculanium* acabaram por encontrar o *Da Natureza*, mas o seu estado não permitiu mais do que o extrato de alguns fragmentos mutilados.

Das obras de Epicuro, que eram vastas, ao que hoje nos chegam, uma delas nos chama a atenção por sua especificidade e ênfase sobre o conceito felicidade: a *Carta a Meneceu*. Ela traz em seu *corpus* a instrução sobre esta urgente realidade humana que, já em seu início, a sugere como uma realidade possível de ser alcançada pelo esforço e labor. O que muito exige nosso cuidado é o fato de essa felicidade poder estar próxima à alma como uma espécie de conquista, diferente do conceito de felicidade associada à noção de dom, ou algo doado à alma no sentido de destinação. Assim, o objetivo deste artigo é suscitar a discussão, mesmo parcialmente, sobre a compreensão epicurista da alma, como ela está relacionada à filosofia e por que as compreensões dos conceitos alma e filosofia podem garantir uma vida feliz.

Talvez a grande novidade da filosofia epicurista em comparação com outros pensamentos imediatamente anteriores seja ter trazido à luz a noção de que a alma não é algo imortal, eterno, ou ainda, implantado no homem. Essa novidade determina o modo como pensa a própria filosofia. Assim, nosso trabalho se limitará a quatro aspectos dessa relação entre alma e filosofia em Epicuro:

- a) Epicuro pensa a alma como corpórea e material, como tudo no universo;
- b) A alma é afetada pelas sensações enquanto está dispersa no corpo, e juntamente com ele se dispersa na morte;
- c) Por ser afetada constantemente pelas coisas, ela busca o prazer pois este é a experiência que traz ao homem a ausência de perturbação;
- d) O encontro da felicidade, que para ele é sinônimo de *ataraxía*, é alcançado pelo esforço da filosofia, a qual libertará a alma de todos os temores e terrores que a assombram.

No parágrafo 63 da *Carta a Heródoto*, Epicuro diz que “é necessário considerar que a alma é corpórea e constituída de partículas sutis, dispersa por o composto”². Esta afirmação dá à alma o caráter de ação, de movimento, de padeci-

² Os textos de Epicuro utilizados neste trabalho foram extraídos do texto bilíngüe greco-italiano, conforme a referência: EPICURO. *Lettere sulla fisica, sul cielo e sulla felicità, frammenti dell'Epistolario*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1994, conjuntamente estudados com a obra de Margherita Isnardi PARENTE. *Opere di Epicuro*. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1974.

mento. Parece uma afirmação absurda relacionar a alma ao corpóreo, e só não o será se contextualizarmos a física epicurista. Primeiramente, consideremos que Epicuro não quer dar conta da *phýsis* por meio de um sistema hermético, como se fosse a única explicação das coisas e do universo, mas sua explicação dos fenômenos é uma explicação e não “a” explicação³. A postura de Epicuro, como de outros contemporâneos seus, foi viver segundo os princípios que poderiam garantir ao homem uma vida feliz, bem como conduzir seus discípulos a viverem segundo esse ideal. Para ele, a explicação das coisas não é extraordinária, mas tudo é plausível e passível de explicação sem que haja uma intervenção divina ou de poderes ocultos. Todo olhar sobre a realidade do homem envolve um pensamento sobre a física. E com a alma não é diferente. A alma não é imortal como vigorava em alguns pensadores da época, mas é parte da *phýsis*, constituída do mesmo modo que o todo.

Como sabemos, para Epicuro o todo é formado por uma hierarquia de elementos segundo a ordem das razões⁴: primeiramente, o vazio, pois se observamos os movimentos podemos inferir que os corpos não encontram resistência para mover-se; a seguir, o átomo, que é o ser material que forma todas as coisas; e por fim, os fenômenos, o que aparece. De modo prático, na ordem da percepção, os fenômenos são os primeiros, mas segundo o pensamento físico de Epicuro permanecem atrás do vazio e dos átomos segundo a ordem de importância. Com isso, podemos observar que todo o universo é constituído por átomos que continuamente transitam, formam os corpos, movimentam-se, chocam-se. Assim acontece com nossas sensações e percepções: elas nada mais são do que o resultado do choque entre os sutilíssimos (ou finíssimos) corpos que se desprendem dos corpos mais “sólidos”, ou do que chamamos coisas, e se chocam com nossa alma produzindo o conhecimento. Para ele, a todo instante somos afetados por estes corpos que transitam. Há um encontro entre esses finíssimos corpos e nossos sentidos. Porque sutilíssimos, são produções dos corpos, tal qual eles em forma e cor, emitidos como partículas sutis que são designadas por simulacros (*eidola*) [*Carta a Heródoto* §46]. Ao se colidirem com nossos sentidos (tato, odor, visão, audição e gustação) afetam os mesmos de modo a desarranjarem a estrutura dos átomos e produzirem conhecimento. Não vamos discutir aqui a correlação deste co-

³ Cf. Jean BRUN, *O epicurismo* (tradução de Rui Pacheco). Lisboa: Editora 70, p. 23.

⁴ Cf. Jean-François DUVERNOY, *O Epicurismo e sua tradição antiga* (tradução de Lucy Magalhães). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993, p. 31-40.

nhecimento com a verdade, apenas vamos pontuar que para Epicuro não há distinção transcendental entre o que é percebido e o conhecimento⁵.

Dado isso, a consideração da alma como corpórea, ao menos corpórea no sentido atomístico (*Carta a Heródoto* §41), resolve a problemática dos sentidos e das sensações. As sensações que afetam nossa alma, só a afetam porque ela, enquanto corpórea, também colide com outros corpos igualmente. Sob esse aspecto ela sente e continuará sentindo enquanto estiver associada ao organismo. É relevante dizer que as sensações só existem enquanto a alma está associada ao organismo e que um não existe sem o outro. Diz Epicuro que “a causa das sensações reside na alma ... e uma vez que a alma está separada do corpo, este perde toda faculdade de sentir” (*Carta a Heródoto*, §§63-64). O que isto traz de relevante para o homem? Vamos ponderar três coisas: que as sensações e as afecções só atingem o homem enquanto vivo; que se as sensações atingem a alma, a vida feliz depende de sua sanidade; que, considerando as duas ponderações anteriores, a saúde da alma é algo a se alcançar, por isso dizer de um labor designado por Epicuro como Filosofia.

A alma para Epicuro é corpórea e distinta da carne da pessoa, conforme nos atesta a *Carta a Heródoto* no § 63, ao dizer que “a alma é um corpo sutil difuso por todo o organismo”, e o homem só é afetado enquanto sua alma está agregada ao corpo, conforme o §65. A alma possui características próprias distintas do organismo, o que a faz desempenhar o papel mais importante na sensação (*Carta a Heródoto* §63). Assim, só haverá sensações enquanto o homem viver, de modo que a morte não é um peso temerário que vive a assombrar o homem, pois de modo algum o afeta. E por que não o afeta? Porque a morte, na visão epicurista, é o cessar das sensações e como tal não pode ferir ou amedrontar. Temer a morte, para Epicuro é uma insensatez, pois ela está fora do plano das sensações: somente aquilo que é sensível nos atinge, e, ao nos “tocar” produz opiniões sobre as coisas e sobre o cosmos. Nesse ponto, a sensação pertence ao módulo do conhecimento. A ausência de perturbação, ou *ataraxía*, não é algo além das sensações, não quer dizer um estado em que não sentimos, ou um estado onde não podemos ser “tocados” por nada, um estado intangível onde não somos afetados, ao contrário, diz respeito às coisas que nos “atingem” ou que se chocam com nossa alma. E é por causa dessa característica da alma, que envolve o conhecimento, que cabe ao homem o labor. Esse universo sensível que nos afeta significa afecção ou sentimento de constituição física. A morte, sob

⁵ Para um estudo mais aprofundado sobre esta noção das sensações consultar as seguintes obras: Jean BRUN, *op.cit.*, pp. 42-50; Geneviève RODIS-LEWIS, *Épicure et son école*. Paris: Gallimard. 1975, pp. 91-118; Jean SALEM, *Tel un dieu parmi les hommes - l'éthique d'Épicure*. Paris: Vrin. 1994, pp. 105-115.

este olhar da física, significa desagregação e dispersão dos átomos, e, sendo assim, não pode mais participar do campo das sensações. Baseados na física epicurista, na morte não há qualquer possibilidade de sensações. Ela é, em suma, a amostra da dissolução de qualquer possibilidade de sensação física ou psíquica, e, por isso, faz cessar qualquer tipo de perturbação, neste nível das sensações.

As sensações atingem diretamente a alma e não lhe são estranhas. As dores, o sofrimento, os gostos do mundo, as músicas que escutamos não são características exclusivas de um órgão doente, do paladar ou do ouvido. Essas sensações produzem um sentir que extrapola aquele órgão (apenas) que sente. Todo o corpo participa da sensação, todo o corpo padece na dor, todo o corpo se atemoriza com o temor, todo ele tem prazer com os benefícios que lhe chegam. Do mesmo modo a alma é afetada porque sua estrutura atômica permite ser atingida. Os §§63-65 da *Carta a Heródoto* permitem identificar essa característica da alma. Posto isto, podemos entender por que Epicuro diz que da saúde da alma depende a felicidade.

Visto que as sensações afetam a alma enquanto unida ao corpo, que nela reside também o conhecimento, que se a alma está sã o homem pode ser feliz, o lugar dessa felicidade abordada por Epicuro não é uma vida futura dada por algo exterior a mim, ou como que um dom a ser concedido ao homem em plenitude, nem mesmo um ideal a ser atingido. É na alma do homem que residirá essa felicidade, e por isso mesmo ela pode ser alcançada por meio do seu esforço como uma “possibilidade”. Isto é o que Epicuro designa Filosofia. Mas antes de falarmos da relação entre Filosofia e Alma precisamos indagar sobre a necessidade desse esforço. Se o mundo é baseado no sensível, nas experiências que dele o homem tem, se não há nada de obscuro ou de oculto onde ele poderia encontrar a felicidade, ou do qual esta felicidade pudesse lhe ser dada, se ela não é dom, o que é isso que impele o homem à busca da felicidade? e como ele a identifica?

Diógenes Laércio preservou um importante saber epicurista: “pode-se conceber de dois modos a felicidade: a suprema, própria da divindade, que não pode ser mais intensa, e a outra, suscetível de adição e subtração de prazeres”⁶. A *Carta a Menecceu* nos traz outras considerações acerca da felicidade ao dizer: “Temos necessidade do prazer somente quando sofremos por sua falta, mas quando não sofremos não sentimos mais necessidade do prazer. Por isso afirmamos que o prazer é o princípio e o fim da vida feliz.” (§ 128). E também que “... o prazer é

⁶ *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, § 121.

um bem completo⁷ ... por prazer entendemos a ausência de dor no corpo e a ausência de perturbação da alma.” (§ 131)

Epicuro trata o prazer como um bem elevado e desejado pelos homens, algo cuja ausência só é admitida para o homem quando este alcança a felicidade. O prazer tem um ordenamento desejável à realização plena do homem. Neste universo de conceitos epicuristas fundado na materialidade⁸, a pergunta anterior sobre o que nos impele à vida feliz ressoa na experiência do prazer. Pelo prazer o homem faz a experiência sensível da ausência da dor e das perturbações. Ele concede ao homem, ao mesmo tempo, a tranquilidade da alma e a experiência da plenitude vinculada ao seu tempo. Todas estas questões abordadas nos incitam a questionamentos, os quais não resolveremos nesta breve comunicação, mas marcamos que quanto ao prazer interrogamos: será que essa perseguição do homem pelo prazer não o conduz a uma vida lasciva ou àquilo que a modernidade conhece por vida hedonista, sem jamais encontrar, devido a isso, a plenitude, e só se deparar com o que é fugaz? Embora não seja nosso objetivo tratar do assunto, pontuamos que Epicuro distingue os desejos e, como tal, é necessário discernir entre os prazeres que conduzem à felicidade e os prazeres que restringem o homem ao efêmero⁹. Não podemos perder um dos principais ensinamentos, guardado por Diógenes Laércio quando diz que os homens, desde seu nascimento, se alegram com o prazer e se rebelam contra a dor¹⁰. Quanto à alma, nela reside o benefício maior do prazer, pois, segundo sua constituição física, ela transita por todo o corpo, retém as experiências e, mesmo antes do homem possuir a razão, ela já padece das sensações.

Sendo o prazer o princípio e o fim da vida feliz, o encontro sensível pelo qual o homem faz a experiência da ausência dos temores, dos terrores, das perturbações que podem afligir a alma humana, e, sendo esse homem um ser sensível às afecções e sensações, de modo que por sua vida pode ele buscar o que lhe dá prazer e rejeitar o que lhe causa dor (considerando que a dor maior é aquela

⁷ Embora tenhamos admitido esta tradução do texto italiano, notamos que a expressão no texto grego é *hedonén telos hypárchein*. É uma expressão de difícil tradução, mas que sugere o *prazer* ordenado para o preenchimento da existência, o *prazer* que se destina às coisas primordiais. De certo modo é uma expressão que sugere o ordenamento à plenitude.

⁸ O conceito “materialidade” utilizado aqui neste texto remonta ao sentido atomístico de Epicuro e do epicurismo. Isso quer dizer que o todo, o universo, para Epicuro é formado por um dado material: o átomo (juntamente com o vazio e o movimento). O atomismo de Epicuro é discutido no texto de Margherita Isnardi PARENTE. *L’atomismo di Epicuro fra Democrito e Senocrate*, in *Democrito e l’atomismo antico*. Atti del Convegno Internazionale Catania 1979. Catania. 1980, pp. 367-391.

⁹ Cf. *Carta a Meneceu*, §§ 128-132. Para um estudo aprofundado sobre esta questão do prazer, sugerimos o estudo de Geneviève RODIS-LEWIS. *op.cit.*, pp. 215-256.

¹⁰ Cf. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, § 137.

que aflige a alma, segundo o testemunho de Diógenes Laércio¹¹), há de se afirmar que essa saúde da alma não lhe aparece pela boa sorte ou pelo acaso, mas, propriamente, por uma busca constante do prazer, e mais que este, a tranqüilidade da alma sobre a qual se deterá a vida do sábio. O prazer que traz à alma a sanidade, que é o bem primordial, ou ainda, aquele que leva à plenitude, significa, de modo co-lateral, uma vida baseada na sabedoria, no belo e na justiça. A 5ª das *Máximas Principais* impetra essa relação entre a vida do sábio e a justiça, ao dizer que “não é possível uma vida prazerosa se não se vive de modo moderado, bom e justo”. Aqui encontramos a referência de Epicuro à Filosofia: ela representa o esforço inesgotável da aquisição da sabedoria, do belo e do justo. Diz que “não é possível uma vida prazerosa (feliz*) que não seja uma vida sábia, bela e justa e não é possível uma vida sábia, bela e justa que não seja prazerosa (feliz*)”¹².

No entanto, a sabedoria, a justiça e o belo não são em si a Filosofia. Esta é, segundo a linguagem médica, o remédio da alma. Assim, a Filosofia para ele é o caminho, o esforço que a alma faz para se curar. Esta cura que a Filosofia pode trazer não é outra senão o afastamento dos temores quanto a tudo que nos cerca: os temores quanto aos fenômenos celestes e terrestres, os terrores quanto aos deuses e sua possível influência na vida humana, o temor da morte e as dúvidas da vida. A alma que passa pelas sensações é afetada pelo que a circunda. A existência já lhe é carregada de temores pois está imersa entre os sofrimentos e os desejos. É propriamente este mundo que lhe causa estranheza, e por conseqüência a doença da alma. As Máximas 11ª e 12ª diz que a alma sofre por não conhecer e discernir a natureza e os limites do sofrimento e dos desejos (*Máximas Principais* XI-XII). A fixação para os discípulos do *tetraphármakon* epicurista (não há o que temer quanto aos deuses; não há o que temer quanto à morte; pode-se alcançar a felicidade; pode-se suportar a dor) significou a maneira abreviada de os discípulos guardarem qual é o objetivo da Filosofia: conduzir o homem, por meio do labor, à vida feliz, que significa a cura da alma, ou ainda, a ausência da dor e perturbações do corpo e da alma.

[recebido em junho 2004]

¹¹ Idem, §§ 137-138.

* Colocamos entre parênteses a tradução “vida feliz” pois a maioria dos textos aceita este sentido. No entanto, consideramos a tradução “vida prazerosa” devido ao sentido do texto grego ao discorrer sobre o prazer e utilizar *dzen hédeos*.

¹² *Carta a Meneceu*, § 132.

BRUN, Jean. *Épicure et les épicuriens* (textes choisis). Paris: PUF, 1961.

DIÓGENES LAÉRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* (tradução de Mario da Gama Kury). Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1988.

PARENTE. *L'atomismo di Epicuro fra Democrito e Senocrate*, in *Democrito e l'atomismo antico*. Atti del Convegno Internazionale Catania 1979. Catania. 1980.

RODIS-LEWIS, Geneviève. *Épicure et son école*. Paris: Gallimard. 1975.

SALEM, Jean. *Tel un dieu parmi les hommes - l'éthique d'Épicure*. Paris: Vrin. 1994.